

# Jornal da SEGURANÇA



www.portaldaseguranca.com.br  
ANO 13 - Nº 142 JUNHO/2006

R\$ 7,30  
CIRCULAÇÃO NACIONAL

RUA DR. SÉRGIO MEIRA, 71 - BARRA FUNDA - SÃO PAULO - SP CEP: 01153-010

## Guerra urbana expõe vulnerabilidades ao crime organizado

**D**e acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, o saldo oficial dos 293 ataques promovidos pelo PCC em São Paulo é de 152 mortos. Após a tragédia, que reflexões podem ser feitas para evitar que a população fique novamente refém do crime organizado? O Jornal da Segurança procurou cinco estudiosos do assunto para debater a crise e, cada um em sua área de atuação, trouxe uma rica colaboração na forma de artigos que o leitor confere a partir da página 18.



## Operações policiais em áreas de grande concentração

Os últimos acontecimentos mobilizaram toda a estrutura de defesa social para combater a maior violação da ordem pública que já se teve notícia no estado. Mas, como gerenciar crises de forma eficiente, sem comprometer a boa técnica? Pág. 27



## Terrorismo: desconhecendo a ameaça real

O tipo de terrorismo constatado nos atos do PCC reforça indícios coletados por especialistas em inteligência, alertando que integrantes de grupos internacionais estariam atuando em contato com as organizações criminosas do eixo SP-RJ. Pág. 19



## De Lampião a Marcola

Conheça um pouco mais sobre a história e as origens do crime organizado em nosso país. Pág. 22

## Segurança, medo e informação pública

Qual a responsabilidade dos organismos de segurança pública pelas ondas de terror que atingem os cidadãos. Pág. 25



Linha 7722



AYC 276F



AYC 277F



AYC 278F

Quando enxergar é fundamental...  
SURVEILLANCE SYSTEMS

**ADLER  
CCTV**

entre já no site e confira...

[www.alarma.com.br](http://www.alarma.com.br)

Alarma sede: 41-3218-7000 Alarma Curitiba Centro: 41-3259-2000 Maringá: 44-3263-3299 Londrina: 43-3026-4624 Alarma São Paulo: 0800-643-7024

## AS VELHAS LIÇÕES DE SEGURANÇA

Uma máxima do velho estrategista Sun-tzu, escrita há mais de 2500 anos já apregova que a Arte da Guerra nos ensina a não confiar na probabilidade de o inimigo não vir, mas na nossa presteza em recebê-lo e de nele inflingir as mais pesadas baixas. Alertava para não depositar confiança na probabilidade do inimigo não atacar, mas, em vez disso, que

dispendemos o melhor de nossos esforços transformando a nossa posição o mais invulnerável possível às suas investidas.

Já há algum tempo, acompanhando nossa crônica de segurança pública, percebo o quanto nossos profissionais estão se distanciando de ensinamentos basilares como os do general chinês, bem como – sob as mais estapafúrdias alegações – negligenciando perigosamente pressupostos elementares da segurança física de instalações.

Alguns dos sérios reveses sofridos pelas forças de segurança brasileiras hoje, decorrem do fato de que, no esforço de “reinventar a roda”, esquecemos que, na atividade de segurança, algumas questões de caráter técnico-filosóficas costumam resistir ao tempo. No máximo assumem, algumas acepções de atualidade, sem, contudo, modificar radicalmente sua essência.

No Brasil muitas coisas mudam para pior. Por anos a fio, gerações de policiais se formaram e se aposentaram acreditando que a condição de homens da lei era suficiente para infundir o temor, ou como costumávamos dizer, “o respeito” nos criminosos. Infelizmente esses tempos já se foram e não há o menor indício de que possam voltar. Há um bom tempo que a criminalidade vem demonstrando completo desprezo pela condição dos agentes da autoridade, intenta contra a vida dos policiais nos locais mais inesperados. No Rio de Janeiro policiais em serviço já foram mortos em avenidas movimentadas do centro, em viadutos, em plena luz do dia. Na nossa atividade, é fato que devemos procurar aprender com o exemplo dos outros, mas infelizmente às vezes não precisamos ir muito longe para presenciarmos condutas que em nada favorecem a salvaguarda da integridade dos homens em serviço e que, pelo contrário, os expõem e vulnerabilizam de forma flagrante. Vez por outra encontramos experientes e orgulhosos “guerreiros” apresentando desculpas nas quais nem sei se eles realmente acreditam, apenas na tentativa de justificar aquilo que, em seu íntimo, sabem não ter justificativa. Não há razão válida para posicionar-se de costas para o movimento da via pública, distrair-se em conversas com uma mulher atraente, reclinar o banco e dormir no interior da viatura, deixar o fuzil ou a submetralhadora dentro do carro etc.

Muito antes dos recentes acontecimentos em São Paulo os policiais já deveriam ter ciência do quão é delicada a questão de sua segurança pessoal. O profissional da área de segurança (seja ele policial ou não) obrigatoriamente deve ser prudente; estudou e conhece suas limitações, pensou nas possibilidades de ações adversas e por isso não pode se descuidar. Não seria leviano de desconsiderar que “cada caso é um caso” e meu objetivo, num artigo de poucas laudas, não é (e nem poderia ser) julgar aqueles que sofreram infortúnios (vindo até perecer no embate com criminosos) e rotulá-los como incompetentes. Sei que o melhor dos conselhos pode não isentar alguém de ser apanhado numa emboscada, porém, inegavelmente, já ajuda a não subestimar os riscos. No dia a dia, como humanos falíveis que somos, nós nos distraímos, “cochilamos”, vez por outra nos deixamos levar por nossos preconceitos e relaxamos... Aí entra o imponderável, o Supremo Criador, que por seus desígnios insondáveis, nos dá “uma forcinha” (mantendo tudo tranqüilo) ou nos penaliza pela nossa indolência. Infelizmente é uma tendência do brasileiro menosprezar os riscos e acreditar que tudo se pode fazer por menos. Vez por outra pagamos caro por isso. Portar uma moderna pistola de grande capacidade no calibre .40” não é um salvo-conduto para alguém imprudente, distraído ou completamente “desligado” do que se processa à sua volta, sobretudo num cenário tático onde a criminalidade possui recursos para comprar as melhores armas.

Quem quer que trabalhe na área de segurança deve acostumar-se a esperar pelo inesperado. Jamais deve subestimar a capacidade de seus adversários uma vez que eles costumam atacar sem aviso. No caso dos recentes incidentes em São Paulo, se logrou obter com antecedência a informação de que os criminosos poderiam desencadear uma série de ataques aos policiais mas se falhou em não avisá-los especificamente sobre a referida possibilidade. De que adianta uma informação privilegiada se a mesma não chegar, em tempo hábil, a quem dela possa fazer bom uso?

Hoje virou moda falar em Inteligência Policial e há realmente esforços excepcionais no sentido de formular uma doutrina, difundir e implementar esta que é uma atividade-meio indispensável ao bom trabalho policial, em todos os níveis. Pensando em Inteligência, mais uma vez somos levados a nos reportar aos ensinamentos de Sun-tzu: “Conheça

os seus inimigos"! Tal conselho, aliás, retrata uma típica ação de inteligência. Identificar todos os integrantes de tais grupos adversos é algo difícil, porém conhecer-lhes os recursos e estudar seu histórico de ações não se constitui num "bicho de sete cabeças". Os recursos disponíveis podem ser estimados a partir daquilo que é apreendido pela polícia ou pelas informações coletadas junto às mais diversas fontes. O histórico das ações permite compreender os "modus operandis" e se você souber como o inimigo age normalmente terá facilitada a tarefa de prevenir-se contra ele. A grande e curiosa contradição é que nos referimos à INTELIGÊNCIA como se ela fosse a grande "bala de prata", a grande solução para quase todos os problemas da segurança pública, e esquecemos de que nós, os homens de ponta, também devemos agir com inteligência. Independentemente do direcionamento de nossas instituições, dos cursos de ação traçados por nossos chefes e da opinião dos colegas que acreditam que nada surpreendente vai acontecer, nós devemos ter o compromisso íntimo de sempre atuar com astúcia. Há vinte cinco séculos o general chinês dizia que quem subestimasse seus inimigos seria capturado por eles. Nos dias atuais, quando o inimigo não tem interesse de fazer prisioneiros para transformá-los em escravos, o grande risco é – como temos visto – subestimar os adversários e morrer nas mãos deles.

E numa conjuntura em que a criminalidade está cada vez mais ousada, contando com a consultoria especializada de maus policiais e maus militares, nós nos acovardamos e negligenciamos cada vez mais as nossas defesas. Locais como aquartelamentos de polícia e das Forças Armadas, depósitos de suprimentos militares, delegacias policiais, postos policiais e mesmo fóruns judiciais, não podem ser projetados sem levar em consideração necessidades de segurança física. Instalações dessa natureza requerem características e cuidados especiais, uma vez que são – ou ao menos deveriam ser – projetadas para manter o inimigo do lado de fora, ao mesmo tempo em que salvaguardam a integridade de seus ocupantes e lhes permite trabalharem em condição de relativa segurança. Queiramos ou não, tratam-se de prédios diferentes, que devem, pelo seu projeto, permitir o exercício de um criterioso controle de acesso, desencorajando quem contra eles pretenda intentar ou, em caso extremo, permitindo aos seus ocupantes rechaçar possíveis incursões adversas. Em instalações dessa natureza, critérios de beleza, harmonia paisagística ou funcionalidade arquitetônica não podem ser desculpa para projetar e construir prédios vulneráveis às ações de intrusão forçada, roubo e até de terrorismo puro e simples. Se temos em mente que tais edifícios possam ser alvo prioritário da criminalidade, é no mínimo um contra-senso que projetemos e construamos prédios térreos amplamente envidraçados e que depois dispendamos uma verba astronômica para gradeá-lo, instalar-lhe vidros blindados, circuito fechado de televisão etc. E onde prevemos a colocação dos sentinelas; daquele efetivo armado, que deveria ser alocado diuturnamente à guarda da instalação? Por certo não devemos posicioná-los em frágeis guaritas de fibra de vidro ou em casinholas abertas. Nos quartéis das forças armadas ainda nos deparamos com posições defensáveis para a guarda, mas nas instalações policiais e judiciárias isso só muito raramente acontece. O leitor pode até me achar exagerado, mas posso citar o exemplo de um aquartelamento policial, numa cidade que, aliás, em nada se assemelha a Estocolmo, onde o acesso principal é guarnecido por uma guarita térrea, completamente fechada, feita de tijolos de cimento e que recebeu vidros blindados. Como foi construída, ela está tremendamente vulnerável ao abaloamento por um veículo pesado (que nem precisa ser um caminhão-bomba) e não permite aos seus ocupantes efetuarem disparos precisos a partir de seu interior. Quando alguém se percebeu da extrema vulnerabilidade daquele que deveria ser um dos pontos fortes na defesa da instalação, se passou habitualmente a posicionar um veículo em frente à guarita, em caráter permanente. Pode parecer brincadeira, mas não é. Infelizmente é sério!

A idéia de que o bandido só atacaria uma instalação policial ou judiciária para tentar dar fuga aos seus pares é um mito. Retirando as carceragens das delegacias se reduziu o risco de um tipo de ocorrência adversa, mas, ao contrario do que muitos apostavam, não eliminou o perigo para aqueles que lá trabalham. O crime anseia por Poder e a obtenção desse poder também passa pela ridicularização do Poder do Estado. Numa conjuntura em que a criminalidade incursiona contra quartéis para roubar armamento e não perde a oportunidade de desafiar o poder constituído à todo momento, a construção de delegacias e fóruns obviamente deveria conceber uma ou mais posições reforçadas, de preferência elevadas, de onde policiais armados pudessem guarnecer a instalação. Não precisa ser um tático excepcional (ou um especialista em segurança) para imaginar que uma boa parte desses ataques a delegacias de polícia, levados a cabo por pequenos grupos em carros ou motos, poderiam ser sensivelmente desencorajados ou mesmo repelidos por um

atirador treinado, com um fuzil ou boa carabina (com razoável suprimento de munição) disparando protegido de uma posição elevada.

A criminalidade evolui, torna-se mais agressiva, se aperfeiçoa em técnicas e táticas...Enquanto isso em diversas instalações militares, o temor de um ataque que objetive a captura de fuzis e submetralhadoras faz com que o serviço da guarda, previamente desarmado, acabe se assemelhando a um patético grupo de “vigias” fardados, para mim, de duvidosa eficácia. Se considerarmos “segurança” como uma sensação, convenhamos que adentrar numa importante instalação militar e não “perceber” a capacidade dissuasória representada pelas armas de seu serviço de guarda, em nada concorre para que nos sintamos mais garantidos. Pelo contrário, acredito que, se chegarmos ao momento em que as Forças Armadas precisem despojar sua guarda para prevenir o roubo de seu material bélico, a população não terá mais alternativas que não a de render-se às ordens dos Comandos do Crime.

Algumas das muralhas e fortificações projetadas pelo Marechal Vauban, grande arquiteto militar do rei francês Luiz XIV, guardaram um pouco de sua eficácia defensiva por mais de 200 anos e, na II Guerra Mundial, os antigos muros de pedra ainda resistiam a disparos, à queima roupa, de peças de artilharia modernas. Com os presentes avanços tecnológicos, não se pode exigir das instalações tal grau de inexpugnabilidade, principalmente em face da adoção de um modus-operandi tipicamente terrorista. Devemos ser pró-ativos e nos prepararmos de verdade para o enfrentamento de uma criminalidade que já possui armamento e recursos muitíssimo mais letais do que os que foram empregados nas recentes ações em São Paulo. A sociedade – que normalmente só atenta para as questões de segurança quando a violência da criminalidade lhe bate à porta – pode até se deixar surpreender pelo arrojo dos bandidos, os verdadeiros profissionais de segurança não. E como ensinava o velho sábio chinês a primeira coisa a fazer é nos colocarmos fora da possibilidade de derrota!

© by Vinícius Cavalcante, CPP, Maio de 2006.

**VINICIUS DOMINGUES CAVALCANTE, CPP**, o autor, é Consultor de Segurança e integra a Diretoria de Segurança da Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

E-mail: vdcsecurity@hotmail.com